



## **O ANTROPOCENTRISMO E EUROCENTRISMO EM CONTRAPOSIÇÃO COM A VISÃO DECOLONIAL DE MUNDO E INTEGRAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA: UMA RESPOSTA POSSÍVEL À CRISE AMBIENTAL<sup>1</sup>**

**Tamara Cossetim Cichorski<sup>2</sup>, Daniel Rubens Cenci<sup>3</sup>, Cláudia Marília Lima França<sup>4</sup>, Mariana Emília Bandeira<sup>5</sup>, Marco Antonio Compassi Brun<sup>6</sup>, Natália Cerezer Weber<sup>7</sup>**

### **RESUMO**

Ainda há hoje a noção de que subdesenvolvimento de países outrora colonizados que estão à mercê do que é chamado hoje de modernidade e desenvolvimento, ainda hoje não atingem o status de países de “primeiro mundo” por sua única e exclusiva culpa, pois ainda não cumpriram os requisitos impostos pelo desenvolvimento econômico desenfreado aliado ao

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado a partir da pesquisa de dissertação do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI) sob orientação do professor Dr. Daniel Rubens Cenci.

<sup>2</sup> Mestranda em Direitos Humanos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (PPGD) com Bolsa Gratuidade (UNIJUI). Pós-graduada em Direito Imobiliário pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Graduada em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Endereço eletrônico: tamaracossetim@gmail.com.

<sup>3</sup> Pós-Doutor em Geopolítica Ambiental Latinoamericana (Universidade de Santiago do Chile – Usach). Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos – e do curso de Graduação em Direito (Unijui). Endereço eletrônico: danielr@unijui.edu.br.

<sup>4</sup> Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI, Ijuí/RS, na Linha de Pesquisa I - Fundamentos e Concretização dos Direitos Humanos, com Bolsa Integral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob orientação da Professora Pós-Doutora Janaina Machado Sturza. Pós-graduada em Direito Penal pela Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul/RS. Pós-graduada em Direito Civil também pela Faculdade Dom Alberto, Santa Cruz do Sul/RS. Graduada em Direito pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Cruz Alta/RS. Integrante do grupo de pesquisa "Biopolítica e Direitos Humanos", cadastrado no CNPQ e vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito, Mestrado e Doutorado da UNIJUI. E-mail: clauf11903@gmail.com.

<sup>5</sup> Mestranda em Direitos Humanos no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Direito da UNIJUI. Bolsista PROSUC/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marianaebandeira@gmail.com.

<sup>6</sup> Mestrando em Direitos Humanos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (PPGD) com Bolsa Gratuidade (UNIJUI). Graduado em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Especialista em Proteção de Dados: LGPD & GDPR pela Fundação Escola Superior do Ministério Público e Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Endereço eletrônico: marcoantonio\_brun@outlook.com.

<sup>7</sup> Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Bolsista CAPES (2022). Bacharel em Direito pela UNIJUI (2021) e integrante do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade. Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos (PPGDH). E-mail: natalia.weber@sou.unijui.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2858669485010022>.

pensamento neoliberal a ponto de alcançarem real autonomia. É necessária uma cosmo mudança, uma mudança muito mais primordial, dentro do própria noção de ser, viver e se relacionar com o ambiente natural, e essa transformação pode ser realizadas se, primeiramente os próprios indivíduos inseridos nos países colonizados se aliarem à ideais menos hegemônicos e que não reproduzam a exploração do homem pelo homem e do meio natural em detrimento exclusivamente do desenvolvimento econômico predatório.

**Palavras-chave:** Atitude. Giro decolonial. Bem viver.

## **ABSTRACT**

Today, there is still the notion that underdeveloped countries once colonized, which are subject to what is now referred to as modernity and development, have not yet attained the status of "first world" countries solely and exclusively due to their own fault. This is because they have not fulfilled the requirements imposed by unbridled economic development, coupled with neoliberal ideology, to the extent necessary to achieve genuine autonomy. A profound change, a change that is far more fundamental, is needed within the very concept of being, living, and relating to the natural environment. This transformation can be achieved if, first and foremost, individuals within the colonized countries align themselves with less hegemonic ideals that do not perpetuate the exploitation of one human being by another, and the degradation of the natural environment solely for the sake of predatory economic development.

**Keywords:** Attitude. Decolonial turn. Buen vivir.

## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho tem como objetivo elucidar a temática da desigualdade social, desenvolvimento econômico e atividades desmedidas de exploração do meio natural e do ser humano e sua conexão direta com a crise ambiental vigente. A relação entre o homem e a natureza tem evoluído de maneira preocupante, marcada por uma abordagem predatória e exploratória tanto dos recursos naturais quanto das comunidades que habitam os ambientes urbanos e rurais.

A visão tradicional de integração humana com o ciclo da vida na Terra parece ter sido deixada de lado, especialmente nas sociedades ocidentais que priorizam a exploração desmedida em prol do crescimento econômico, muitas vezes impulsionado pelo neoliberalismo.

Enfrentar essa problemática exige uma análise profunda, dado que o sistema econômico global, especialmente o neoliberalismo, permeia todas as esferas da vida nas sociedades pós-modernas ocidentais, incluindo a mentalidade individual. Essa dinâmica tem raízes na própria formação da modernidade, marcada por interações complexas entre colonização, poder estatal e questões ambientais.

## **METODOLOGIA**

Executou-se uma pesquisa com metodologia majoritariamente bibliográfica, para fins de analisar o tema e problema abordados neste projeto, buscando obras de relevância de modo a conhecer o fenômeno de estudo. Quanto a abordagem a metodologia utilizada foi do tipo qualitativa visto que não se preocupa com a quantidade de informações coletadas, mas sim com a qualidade destas, a fim de assimilar o fato social, sendo esta a abordagem mais apropriada para o tema proposto neste resumo.

Na sua realização foi utilizado o método de abordagem hipotético-dedutivo, observando os seguintes procedimentos de seleção de bibliografia e documentos, tanto em meios físicos quanto virtuais, de forma interdisciplinar, de forma a construir um referencial teórico coerente com o tema de estudo, com o objetivo de responder o problema proposto, a fim de corroborar ou refutar a hipótese trazida.

## **O GIRO DECOLONIAL COMO FORMA DE TRANSFORMAR AS RELAÇÕES DO SER HUMANO ENTRE OS SEUS IGUAIS E COM O MEIO NATURAL**

As interações do homem com a natureza têm se dado de forma cada vez mais predatória e exploratória tanto do ambiente natural quanto dos indivíduos inseridos dentro dos espaços urbanos e rurais. A noção de integração do ser humano com a natureza e de pertencimento a esse ciclo de vida no planeta terra está em sua maioria esquecida no mundo ocidental, que se interessa apenas nas formas de utilização de obra-prima de forma desmedida e irresponsável, e o carro-chefe dessa modalidade de vida pós-moderna e predatória é o

capitalismo em sua forma neoliberal.

No entanto, para enfrentar essas concepções, há um caminho muito longo a frente, tendo em vista que a maneira em que o sistema econômico mundial e sua forma atual de ação, o neoliberalismo, opera em todos os setores das sociedades ocidentais pós-moderna, inclusive e principalmente na própria psique dos indivíduos, é uma causa imediata da própria organização e nascedouro da modernidade, que trouxe e traz enormes problemas na relação do sujeito com o meio ambiente.

Portanto, necessário é olhar para as noções de colonialidade, decolonialidade, colonialismo e descolonialismo. Esses conceitos últimos são muito bem elaborados pelo autor Nelson Maldonado-Torres (2018). De acordo com o autor, a partir da constituição dos Estados-Modernos houve a legitimação em seus sujeitos e em suas instituições, em que pese elas terem sido embasadas em atitudes de extermínio, genocídio, abuso e exploração dos corpos colonizados. Portanto, o ato questiona essas instituições e como a própria formação do Estado Moderno e o questionamento dessas noções causam ansiedade, visto que conceitos como o colonialismo, descolonialização e afins discutem a legitimidade da sua formação pois para o autor, o Estado Moderno e a colonização estão intrinsecamente ligados, pois sem um não haveria o outro.

A legitimidade dos atos realizados pelos então colonizadores durante o colonialismo começaram pela forma de nomear os já existentes territórios como “descobertos”, e dessa forma a colonização é vista como um ato de civilizar esses povos conforme Maldonado-Torres (2018) expõe:

A “descoberta” teve implicações profundas múltiplas, bem como um grande impacto sobre a noção de ser civilizado. Como Bowden coloca: “Uma vez que foi determinado que ao mundo colonial faltava civilização e, conseqüentemente, soberania, foi quase inevitável que o direito internacional criasse por si só ‘o grande projeto de salvação de levar os marginalizados ao domínio da soberania, civilizando o incivilizado e desenvolvendo as instituições e técnicas jurídicas necessárias para essa grande missão’” (B, 2009, p. 128).

Dessa forma, a exploração dos indivíduos por meio da escravidão e o proveito dos

recursos existentes nos espaços então “descobertos” são interpretados como uma maneira de levar a civilização para esses povos, como uma espécie de salvação, o que é feito a partir do discurso utilizado para escrever esse momento da história.

O colonizador ignorou as formas de organização que esses povos se utilizavam, suas crenças, suas ideologias, sua forma de ver o mundo e até mesmo que havia nessa altura um desenvolvimento propriamente dito desses povos à sua maneira, o que segue a linha de raciocínio do autor quando refere que a modernidade ocidental está alicerçada no colonialismo, conforme se vê:

O trabalho coletivo desses e de outros autores leva em consideração que, ao invés de conceber o colonialismo como algo que acontece na modernidade em conjunto com outros períodos históricos, é mais sensato afirmar que a modernidade por si só, como uma grande revolução imbricada com o paradigma da “descoberta”, tornou-se colonial desde seu nascedouro. Isso leva a uma mudança no modo de se referir à modernidade ocidental: de modernidade simplesmente, como oposto ao pré-moderno ou não moderno, para modernidade/colonialidade, como oposto ao que está além da modernidade (Maldonado-Torres, 2018).

Em suma, questionar a modernidade/colonialidade perturba a segurança do sujeito-cidadão moderno e das instituições modernas. Ainda, cumpre destacar que é esperado que o colonizado apresente uma atitude de passividade frente a essa realidade imposta pela modernidade, e, portanto, espera-se que o sujeito colonizado seja uma entidade sub-humana dócil.

Para Maldonado-Torres (2018) o colonialismo pode ser definido como a formação histórica dos territórios coloniais, portanto, o modo como os impérios ocidentais colonizaram grande parte do mundo a partir das “descobertas”. Já a colonialidade é a concepção de que mesmo após o fim do colonialismo, as relações de dependência e submissão permanece nessa relação colonial que engloba os saberes e os diferentes modos de vida entre os povos e os Estado-nação. A descolonização é o momento histórico em que os países colonizados se insurgem contra os impérios e reivindicam sua independência. Por outro lado, a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos simbólicos,

epistêmicos e materiais.

Dessa forma, Maldonado-Torres (2018) chega a concluir que a atitude decolonial é a oposição à catástrofe metafísica e o controle da subjetividade. Uma construção a partir do que o autor chama de “construir o mundo do Ti”. A personalidade, com atitude de amor e raiva. Sendo o primeiro a partir de uma identificação como pensador e criador, e a segunda como ativista, como alguém que nega a colonialidade.

A busca pela decolonialidade requer, assim, uma mudança gradual, quebrando os moldes preestabelecidos, narrativas e conceitos instalados na psique do colonizado. Essa postura analisada visa transformar essas pré-concepções que atravessam o colonizado e surgir como um indivíduo do saber, capaz de comunicar, indagar, refletir, teorizar e interagir a partir de suas próprias concepções, noções e experiências de mundo.

Walter D. Mignolo (2017) cita que a colonialidade é a “pauta oculta” da modernidade e refere que este é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 80 e início dos anos 90. Dessarte, o autor expõe que a ‘modernidade’ é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a ‘colonialidade’. Portanto, a colonialidade constituiu a modernidade, não há modernidade sem colonialidade. Em consequência, o pensamento e as ações descoloniais surgiram a partir do século XVI, em resposta às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados.

Portanto, segundo Mignolo (2017) as organizações não oficiais que se manifestam “contra” o capitalismo, e, portanto, questionam a modernidade, consequentemente desvinculam-se da ideia de que há apenas uma modernidade única e primária cercada por outras periféricas ou alternativas, dessa forma esclarecem a importância da modernidade para além de assumir suas glórias, também assumir seus crimes, o que o autor refere como cosmopolitismo descolonial.

O autor cita a pesquisa da historiadora Karen Armstrong que observou duas conquistas ocidentais em relação à história conhecida até o século XVI, sendo elas: a primeira de âmbito econômico, qual seja a mudança radical na dominação da economia em que o Ocidente poderia reproduzir os seus recursos indefinidamente (geralmente associada ao colonialismo) e a segunda, epistemológica, associada ao Renascimento europeu que abrange tanto a ciência

como conhecimento quanto a arte como significado. Além disso, os europeus realizaram uma revolução científica que lhes deu maior controle sobre o meio ambiente do que antes se havia conseguido. Outrossim, isso denuncia a retórica celebratória da modernidade – ou seja, a retórica da salvação e da novidade, baseada nas conquistas europeias durante o Renascimento. Porém, ao mesmo passo, há outra dimensão que está oculta nos eventos que aconteciam à época: a dispensabilidade (ou descartabilidade) da vida humana, e da vida em geral, desde a Revolução Industrial até o século XXI.

Mignolo (2017) expõe a distinção de noção de natureza entre os cristãos e os conceitos aimará e quíchuas, em que os primeiros descreviam que a “natureza” existia em contradistinção à “cultura”; ademais, era concebida como algo exterior ao sujeito humano. Para os aimará e os quíchuas, fenômenos (assim como os seres humanos) mais-que-humanos eram concebidos como pachamama, e nessa concepção não havia, e não há ainda hoje, uma distinção entre a “natureza” e a “cultura”. Os aimará e os quíchuas se viam dentro dela, não fora dela. Assim, a cultura era natureza e a natureza era cultura.

Assim, o autor destaca que o momento inicial da revolução colonial foi implantar o conceito ocidental de natureza e descartar o conceito aimará e quíchua de pachamama. Foi basicamente assim que o colonialismo foi introduzido no domínio do conhecimento e da subjetividade. Uma vez que a “natureza” se tornou um conceito estabelecido, a relação do homem com a natureza deslocou o conceito medieval europeu de trabalho, trabalhar para viver (ou o trabalho vivo, na conceituação de Marx) começou a se transformar em trabalho escravizado e depois assalariado. Essa transformação resultou no extensivo comércio escravo, que transformou a vida humana em mercadoria – para o dono da plantação, da mina e, mais tarde, da indústria.

O próximo passo, consoante Mignolo (2017), foi a Revolução Industrial: o significado da “natureza” mudou, chegando a se referir a “recursos naturais”, o alimento necessário para nutrir as máquinas da Revolução Industrial que produziam outras máquinas (a ferrovia e o automóvel), que, por sua vez, precisavam de mais alimento, carvão e óleo. A “catástrofe ambiental” começou nesse momento. Enquanto a regeneração da vida antes da Revolução Industrial ainda sustentava uma relação amigável entre o aculturado homem ocidental e a integração do trabalho e da natureza sobre a qual ele construía a sua cultura, a distância

aumentou após a Revolução Industrial e todas as outras civilizações foram cada vez mais relegadas, nos olhos do homem ocidental, ao passado.

Ou seja, a “natureza” se tornou repositório para a materialidade objetivada, neutralizada e basicamente inerte que existia para a realização das metas econômicas dos “mestres” dos materiais. O legado dessa transformação permanece nos dias atuais, em nossa presunção de que a “natureza” é o fornecedor de “recursos naturais” para a sobrevivência diária.

Walter Mignolo (2017) discorre que a “colonialidade” envolveu a “natureza” e os “recursos naturais” em um sistema complexo de cosmologia ocidental, estruturado teologicamente e secularmente. Outrossim, fabricou um sistema epistemológico que legitimava os seus usos da “natureza” para gerar quantidades maciças de “produtos” agrícolas, primeiro, e quantidades maciças de “recursos naturais” após a Revolução Industrial. A revolução industrial e tecnológica também possibilitou a industrialização de “produtos” agrícolas e a mercantilização do alimento e da vida.

O autor salienta que a lógica da colonialidade passou por etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade: especificamente, nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia.

Walter evidencia que os valores corporativos requerem a eficiência: quanto mais se produz, quanto maiores os ganhos, tanto mais feliz se deveria estar. tecnologia tem treinado os seus próprios especialistas, que são pagos para “melhorar” a administração tecnológica de tudo. No caso da formação e educação, a revolução tecnológica está criando um novo tipo de sujeito, cujo “conhecimento” consiste em passar o tempo empacotando o “conhecimento” segundo as opções tecnológicas do menu.

Dessa forma, o “pensamento tecnológico” toma o lugar do pensamento em geral e das disciplinas como a filosofia e o aspecto filosófico de todo o conhecimento, reduzindo-os a um pacote tecnológico de opções. No entanto, o autor destaca que isso está acontecendo com apenas uma pequena porcentagem da população global: a população que tem “o privilégio e o benefício” de recursos econômicos e energéticos que os permitem “aproveitar” a tecnologia.

Urge a necessidade de se pensar a organização das sociedades com um olhar mais ambientalista, e um exemplo de filosofia de vida que abrange essa noção é o Buen Vivir

(bem-viver). Alberto Costa é um autor que disserta sobre esse conceito e escreveu inclusive um livro sob o título “O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos” que traz a definição a seguir:

O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudanças, e ao nutrir-se de experiências locais, posicionase como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. (Acosta, 2016, p. 40).

Portanto, o Bem Viver se constitui como uma proposição bem como a um ensejo para assim idealizar outra realidade na qual a humanidade integra parte de um todo mais harmônico com a natureza e entre si. Nesse mesmo sentido, o Bem Viver também é um paradigma que tem a possibilidade, portanto, de viabilizar as políticas e ações dos Estados a fim de regular as relações sociais. Dessa forma, é possível diminuir as desigualdades na sociedade e melhorar as condições de vida dos economicamente vulneráveis. Além disso, esse conceito também traz a noção de preservar e sublimar as organizações sociais com uma perspectiva local, integrando e mantendo as raízes dos povos latinoamericanos, desvencilhando esses países da noção etnocêntrica e neoliberal de desenvolvimento econômico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A crise ambiental é uma realidade que se expõe aos olhos de qualquer um que deseje ver, e mesmo que se tente ignorar não há como escapar de suas consequências. O estilo de vida que se iniciou desde a formação do Estado Moderno e, em seguida, com o advento da industrialização e da própria ideia de modernidade com a iniciativa pelos estados europeus de colonizar os espaços e povos “descobertos” resultou na forma como o ser humano se vê no mundo e na forma em que ele vê a natureza.

Dessa forma, é de suma importância fazer o que se chama de giro descolonial visto que a transformação da forma que o colonizado e o colonizador veem o mundo e a sua própria história pode oportunizar uma nova maneira de organização social, mais inclusiva, menos predatória e exploratória, visto que a colonialidade não acabou com o fim do colonialismo,

inclusive nos dias atuais pode se perceber na maneira como o mundo ocidental percebe os países latinoamericanos, africanos, e orientais.

Em suma, a interação complexa entre o homem e a natureza é permeada por uma história de exploração, opressão e transformação da relação original de integração. A crítica à modernidade, à colonialidade e a busca por alternativas como o "Buen Vivir" são manifestações de uma crescente consciência sobre a necessidade de repensar nossa relação com o ambiente e com os outros seres humanos, a fim de construir um futuro mais equilibrado e sustentável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acosta, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

Maldonado-Torres, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica, 2018.

Walter D. Mignolo. **Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade**. RBCS Vol. 32 n° 94 junho/2017.